



Sociedade das Ciências Antigas

VIDA E OBRA DE SANTA FRANCISCA ROMANA



“Não se pode observar nunca nela nenhum ato de impaciência, não mostrou nunca o menor sinal de desagrado pela rudeza com que às vezes a atendiam”.

INTRODUÇÃO

Esta é a vida de uma santa que foi oblata de São Bento e sua vida esteve tão ligada à cidade de Roma que é conhecida como Santa Francisca Romana. Nasceu em fins do século XIV e sua vida transcorreu praticamente durante o Cisma do Ocidente: é um período difícil da história da Igreja. Por isso, antes de falar da sua vida, é necessário referir-se às circunstâncias históricas que lhe coube viver.

A SITUAÇÃO HISTÓRICA: O GRANDE CISMA DO OCIDENTE

No século XIV, durante quase setenta anos, o Papa havia residido em Avignon, pois desde Clemente V (1305-1314) que, temendo pela independência do governo eclesiástico naquela Itália tão desgarrada pelas lutas partidárias e cedendo à pressão do monarca francês, permaneceu na França sem chegar a pisar o solo da Cidade Eterna, Roma. Seu sucessor João XXII, eleito em 1316 residiu permanentemente em Avignon. Sete pontífices, todos originários da atual França, sucederam-se em Avignon.

Como vemos o essencial desta época da História da Igreja, consiste no durável distanciamento da residência tradicional da Sede Apostólica, e do solo italiano em geral, o que colocou os Papas numa perigosa dependência dos reis da França e ameaçou gravemente sua posição ecumênica. Isto trouxe graves conseqüências, pois o estabelecimento em Avignon, a nomeação de cardeais em sua maioria franceses e a eleição de sete Papas franceses, um após o outro, despertou as suspeitas das demais nações, e formou-se a opinião de que a suprema dignidade da Igreja tinha-se convertido num instrumento dócil a serviço da política francesa.

Isso diminuiu de uma maneira muito considerável a respeitabilidade do Pontificado, debilitou a confiança geral no Chefe comum da cristandade e despertou nos outros povos um sentimento de

oposição de caráter nacional contra o governo afrancesado da Igreja. Alguns Papas preocuparam-se por essa situação e fizeram algumas tentativas de mudança, por exemplo, Urbano V tratou de voltar a Roma, mas o fez fugazmente, regressando logo a Avignon.

Seu sucessor Gregório XI usou de todos os meios para restituir a Roma seu papel tradicional de residência Papal, dando com isso, uma notável prova de energia, sobretudo tão pouco tempo depois do fracasso de seu predecessor. Gregório XI tinha apenas quarenta e sete anos quando mudou a corte de Avignon para Roma, pondo fim a seu longo exílio, mas morreria quatorze meses depois. A tumultuosa eleição de Urbano VI e o caráter violento e caprichoso do novo Papa, contribuíram para que treze cardeais declarassem nula a eleição e designassem um novo pontífice: Clemente VII.

O mundo cristão se dividiu: Alemanha, Itália, Hungria, Inglaterra e Escandinávia reconheceram Urbano VI, instalado em Roma. Clemente VII, com sua sede em Avignon, contava com a adesão da França, Castilha e Escócia. A morte de Urbano VI não pôs fim ao cisma, pois seus cardeais se apressaram a eleger seu sucessor, Bonifácio IX, que tentou restabelecer a unidade, ajudado por Gerson e a Universidade de Paris.

A morte de Clemente VII só serviu para que os cardeais de Avignon elessem Benedicto XII, que obstinadamente se negou a ceder até o fim de seus dias. Quando morreu Bonifácio IX os cardeais romanos se apressaram a eleger um sucessor, Inocêncio VII, e dois anos mais tarde, Gregório XII. O Concílio de Pisa de 1409 decretou a deposição dos dois papas e vinte e quatro cardeais elegeram Alexandre V, cujo sucessor, João XXIII impôs a reunião de um novo concílio em Constanza, onde o próprio João XXIII foi deposto. A unidade foi restabelecida com a eleição de Martín V. Todo este período representa um dos tempos mais difíceis da vida eclesiástica, provocando um grave desconcerto nas consciências.

CONSEQÜÊNCIAS DO CISMA

Que conseqüências trouxeram, tanto a estada do Papado em Avignon, como o cisma para a Itália e de maneira especial para Roma? Do ponto de vista político reinava a anarquia. O historiador Fliche-Martín faz a seguinte descrição da situação durante o pontificado de Martín V: “Nos Estados pontifícios há, na época, uma anarquia sem precedentes. Em Roma, a desordem e a miséria estão em pleno apogeu; a agitação municipal havia redundado em proveito do rei de Nápoles cujos soldados ocupavam a cidade desde o conclave de 1406. Por todas as partes, os cimentos do poder estão mal assentados e o equilíbrio de forças é precário. As rivalidades políticas se mesclam com ódios familiares”.

Do ponto de vista social e econômico Roma, com a mudança do governo pontifício a Avignon, caiu em uma enorme incultura e num total empobrecimento. Não é, de maneira alguma, exagero retórico o que o Cardeal Napoleão Orsini assegurava ao rei da França, depois da morte de Clemente V em 1314: que pela mudança da residência pontifícia a Avignon, Roma havia sido posta à beira da ruína. A situação não havia mudado muito um século depois, quando em 28 de setembro de 1420, Martín V entrou solenemente na cidade, tal como o descreve Fliche-Martín:

“Roma oferecia um aspecto lamentável, pois, empobrecida já consideravelmente durante o período aviñonense, sofreu muito durante o Grande Cisma. Lutas de facções, lugares a cargo de Ladislau de Nápoles, pilhagens e insurreições das comunidades, anarquia, tudo isso havia levado à degradação dos monumentos, alguns dos quais caíam em ruínas; a catedral de São João de Latrão estava completamente abandonada desde que o Papa deixou Roma e que os canônicos, que ficaram como os únicos donos da igreja, viviam nela sem regra alguma e sem preocupar-se pela conservação do edifício. A cidade estava cheia de malandros que enriqueciam a custa dos peregrinos. Nada se fazia contra as inundações ou os lobos, que em anos muito rigorosos franqueavam as muralhas”.

“Um tal período não havia sido favorável à arte. As únicas obras realizadas no tempo do Grande Cisma são as tumbas dos Papas romanos ou as dos cardeais de sua obediência. O que dizer das ruínas morais? A cidade santa se encontra em uma desordem incrível. Em 1402, os servos de São Marcelo venderam a sua biblioteca para socorrer suas necessidades e numerosos eclesiásticos tiveram igualmente que alienar tudo quanto possuíam. Em 1414, em São Pedro, durante a festa de São Pedro e São Paulo, não iluminaram a Confissão, pois não havia nem lâmpadas nem velas. A Basílica de São Paulo Extramuros, cujo telhado havia cedido, converteu-se num estábulo no qual vagabundos cozinhavam. Toda a cidade adquiriu um aspecto rústico; os rebanhos perambulavam por ela”.

Este é o mundo e a cidade nos quais nasceu e viveu Santa Francisca Romana. Eles formam o fundo do quadro que nos permitirá contemplar com maior nitidez a história de sua vida.



A INFÂNCIA

Seu verdadeiro nome era Francesca Bussa dei Ponziani. Nasceu na cidade eterna em 1384; seus pais eram Paolo Bussa de Leoni e Jacobella de Roffredeschi, ambos riquíssimos e pertenciam à flor e nata da nobreza romana. Viviam perto da Plaza Navona, na paróquia de Santa Inês, onde Francesca foi batizada no mesmo dia de seu nascimento.

Sua mãe era muito piedosa e ensinou-lhe desde muito cedo a recitar o Ofício da Virgem. Frequentava a igreja de Santa Maria Nova atendida pelos Beneditinos de Monte Oliveto, onde tinha seu confessor, Dom Antonio di Monte Savello. Este religioso de idade madura era digno de sua confiança. O historiador de sua Ordem o qualifica como um homem cheio do espírito de Deus, muito versado no estudo da teologia mística e dos caminhos de perfeição. Jacobella confia-lhe também a direção espiritual de sua filha que, desde os seis anos, e durante trinta e cinco anos, irá confessar-se semanalmente com Dom Antonio. O eminente religioso compreendeu logo que podia conduzir essa alma até os cumes da vida mística e desde então se consagra a estabelecer a vida espiritual de Francisca sobre os fundamentos da humildade e da obediência.

Desde menina recebeu uma boa formação, mais tarde será vista frequentemente rodeada de livros. Gostava da Sagrada Escritura, especialmente dos salmos e as "visões" que terá mais tarde darão mostra de uma certa cultura teológica. Foram, mais que tudo, os relatos da vida no deserto os que a marcaram. Daí sua atração pela vida eremítica: quis transformar seu quarto em "solidão"; construiu uma pequena gruta no jardim do palácio familiar e se impôs desde muito cedo penitências severas.

Aos onze anos tomou a resolução de ingressar num monastério e de consagrar-se inteiramente a Deus, mas seus pais tinham outros planos para ela. Naqueles tempos, a vontade das filhas não costumava contar para nada e a idéia do casamento deixou-a enferma, a ponto de correr risco de vida. Preocupados, os pais chamaram uma curandeira para tirar delas as forças malélicas, mas ela recusou recebê-la. Uma visão de Santo Aleixo devolveu-lhe a paz e a saúde física e, aos doze anos casou-se com Lorenzo Ponziani, matrimônio que supunha a aliança de duas das famílias romanas mais influentes dentro da corrente política que acabou por provocar em 1398, a queda definitiva de

município livre com a restauração pontifícia de Bonifácio IX. Os Ponziani eram agricultores e criadores de gado do agro-romano, que nesse mesmo século haviam ascendido socialmente na cidade, coincidindo com o crepúsculo da classe baronal determinado pelo vazio político da cúria.

O CASAMENTO

Depois do casamento, Francisca deixa a casa paterna, situada no bairro Parrone no centro de Roma, para seguir seu esposo ao Trastevere, onde os Ponziani tinham seu palácio. Lá viviam seus sogros, o irmão de seu marido, Pauluci e sua esposa Vanozza. Com sua cunhada Vanozza a une uma estrita amizade que se manterá durante trinta anos, até a morte desta. Ambas se ajudarão e apoiarão na vida de piedade e nas obras de caridade. Afortunadamente, Lorenzo soube compreender e tolerar as aspirações religiosas de sua jovem esposa. Francisca, apesar do afastamento, continuou confessando-se e dirigindo-se espiritualmente com o Padre Antonio na Igreja de Santa Maria Nova.

Empenhada e ligada no matrimônio, soube viver de acordo com as exigências de seu novo estado. Descobriu, com a ajuda de seu confessor, o casamento como um caminho de santidade e, persuadida que a verdadeira santidade consiste, em primeiro lugar, em cumprir todos os deveres de estado com fidelidade e abnegação por amor de Deus, dedicou toda sua aplicação a não descuidar nenhuma das obrigações do estado matrimonial no qual se encontrava colocada pela Divina Providência.



Em primeiro lugar se mostra uma esposa consagrada à atenção de seu esposo. Conformando-se aos desejos de Lorenzo, consentiu, sobretudo nos primeiros anos de casamento, em vestir-se com todo o decoro de sua posição social: vestimentas luxuosas, jóias, etc. Com o tempo, porém, deixará o luxo e as coisas supérfluas de lado para viver em maior sintonia com o Evangelho. No que nunca consentiu foi em concorrer a festas mundanas e lugares de diversão, onde se deslizava à frivolidade e à licenciosidade. Ao contrário, prestava-se de boa vontade às reuniões familiares e às relações com a vizinhança. Segundo seu hagiógrafo foi um casamento feliz. A estima, o amor e o respeito eram recíprocos; a paz e a união foram inalteráveis durante os quarenta anos que viveram juntos.

Em segundo lugar, há que destacar sua preocupação pela educação de seus filhos. Teve três filhos: Inês e João Evangelista, mortos em terna idade, e o primogênito, Batista, destinado a perpetuar a família. Não confiou a outros o cuidado de sua educação, rompendo neste aspecto com o costume das mulheres de seu status, que confiavam a criação e educação de seus filhos a amas e instrutores. Persuadida que esta é a primeira obrigação de uma mãe cristã, dedicou-se pessoalmente a formá-los e educá-los. Os meios de que se valeu para desempenhar esta função foram a firmeza unida à doçura. Nunca consentiu em seus caprichos e defeitos de caráter. Desempenhou tão bem seu papel que, segundo seu biógrafo, os dois menores morreram com fama de santidade e o mais velho foi um perfeito cavaleiro cristão.

Em terceiro lugar, sua preocupação e atenção para com os domésticos. Depois da morte de sua sogra Cecília em 1400, teve que fazer-se cargo da direção da casa. No Palácio dos Ponziani havia um bom número de domésticos. Em seu trato com eles, o que mais ressaltava era sua bondade. Cuidava que não lhes faltasse nada, do ponto de vista material e que espiritualmente levassem uma vida verdadeiramente cristã. Quando algum criado seu caía doente não permitia que o levassem ao

hospital, pois dizia: “Se vamos aos hospitais para servir aos pobres estranhos, por que não temos que servir dentro de casa, a nossos criados enfermos?” Em poucas palavras, tratou de fazer de seu numeroso serviço doméstico uma família, da qual só seria excluído o blasfemo.

OS SOFRIMENTOS

Ainda que fosse querida, admirada e respeitada no seio de sua família, houve momentos de grande sofrimento devido à situação política. Nesses anos Roma estava dividida em dois bandos que se faziam encarniçada guerra. Os Orsini, em cuja facção Lorenzo ocupava um elevado posto, que lutavam a favor do Papa, enquanto os Colonna, seus adversários, acudiam a Ladislau de Nápoles. Lorenzo foi gravemente ferido nas costas, e perdida a batalha pelas tropas pontifícias, Ladislau entrou vitorioso em Roma tomando logo reféns entre os membros das principais famílias de seus inimigos. Francisca viu-se assim obrigada a entregar seu filho Batista, em lugar de seu marido ferido. Ainda que o tenha recobrado em seguida, não lhe durou muito a alegria, já que logo depois voltam os napolitanos a apoderar-se de Roma, levando consigo prisioneiro o primogênito dos Ponziani, depois de haver saqueado o palácio da família, seu esposo e seu filho mais velho tiveram que partir para o desterro.



Em meio a semelhantes tribulações, Francisca se fez notar por sua fortaleza de ânimo e por suas obras de caridade para com os pobres, os desgraçados que tinham perdido tudo e os enfermos. Em 1413 e 1414, Roma se viu açoitada pelo duplo flagelo da peste e da carestia. Francisca transformou seu palácio em hospital para as vítimas da peste de quem cuidava pessoalmente, e distribuiu aos famintos todas as reservas de grãos e vinho de que dispunha. Nestas circunstâncias, morre seu filho Evangelista, e no ano seguinte, sua filha Inês: duas feridas muito profundas para o coração de Francisca, que tudo suporta com cristã resignação.

A morte de Ladislau trouxe a paz à cidade de Roma. Os sofrimentos dos Ponziani chegaram ao fim, os bens confiscados lhes foram devolvidos, Lorenzo e seu filho Batista regressaram do exílio e Francisca conseguiu que seu marido se reconciliasse com seu inimigo. Ademais, por conselho dela, Lorenzo se entrega a uma vida de maior perfeição e deixa sua esposa com maior liberdade para consagrar-se à oração e a um fecundo apostolado.

APOSTOLADO

A partir daí Francisca entrega-se com maior ardor às obras de caridade. Acompanhada por sua cunhada, dedica-se à atenção dos mais miseráveis no bairro de Trastevere. Visita os enfermos nos hospitais de Santa Maria in Capella, Santa Cecília, Santo Espírito in Sassia e Campo Santo. Com o tempo, os testemunhos de Francisca e Vanozza chamaram a atenção de outras damas nobres que, imitando seu exemplo, uniram-se a elas na prática da caridade e afastaram-se das vaidades mundanas, levando um tipo de vida mais coerentemente cristão.

Foi para estas senhoras que Francisca fundou, na basílica de Santa Maria a Nova no Foro romano, uma associação de mulheres que, não obstante levar em seus lares uma vida de família viveram de um modo mais integral seu cristianismo no exercício das obras de misericórdia, tanto espirituais como corporais: as “oblatas seculares”. Ela mesma fez sua oblação em 15 de agosto de 1425 pelas

mãos do olivetano Hipólito de Roma, prior do monastério. Não era novidade para os olivetanos aceitar semelhante fundação, posto que em torno de seus monastérios, muitos fiéis seculares costumavam dedicar-se com maior empenho ao serviço divino, sem abandonar suas próprias famílias, com o vínculo da oblação.

Francisca fez mais: em 1433, estabeleceu uma comunidade de “oblatas regulares” numa casa no bairro Campitelli, aos pés do monte Capitolino. O papa Eugenio IV havia autorizado uma petição sua para possuir em Roma uma residência fixa, formar uma comunidade, eleger uma presidenta, associar outras mulheres e escolher um confessor, tudo isso com o consentimento dos monges olivetanos, a cuja Congregação estaria unido o novo instituto. Desde o princípio essa casa, Tor de’Specchi, foi um monastério, mas seus membros não puderam chamar-se monjas, pois naquele tempo não se podia ser monja, isto é, as mulheres não podiam fazer votos públicos e solenes, sem obrigar-se a observar uma clausura estrita, o que não era o caso das oblatas fundadas por Francisca Romana.

Estas, com efeito, faziam votos privados, levavam uma vida de oração intensa, cantavam ou recitavam diariamente o ofício divino, sua observância religiosa se distinguia por sua austeridade, mas saíam normalmente do monastério para realizar importantes tarefas de assistência social e outras obras em benefício da diocese e do bispo de Roma, o Papa. As oblatas não eram muito numerosas: no tempo de sua fundadora não costumavam ser mais de quinze.

Faziam-se notar por sua vida exemplar e um zelo nada comum em sua atividade caritativa. “Havia surgido, dessa maneira, comenta o cardeal beneditino Agustín Mayer, uma ‘congregação feminina nova e originalíssima: religiosos sem votos, sem clausura, mas de vida austera, que se dedicavam ao serviço dos mais miseráveis e necessitados, a um genuíno e verdadeiro apostolado social, a idéia à qual daria uma extensão prodigiosa São Vicente de Paula, mas cuja paternidade São Francisco de Sales atribuiria a Francesca Ponziani’. Por isso, os estudiosos podem ver, na fundação, “uma abertura beneditina ao mundo secular”, ao regularizar-s’ sob dito impulso olivetano, essa experiência penitencial feminina que já tinha paralelos nesse século e no anterior, como uma inserção da santidade na vida urbana mercantil e artesanal”.

Em 1436, morreu Lorenzo Ponziani. Em seguida Francisca entrou no monastério de Tor de ‘Specchi, em 21 de março desse mesmo ano. Foi eleita, apesar de sua resistência, superiora da Associação e dedicou-se a uma vida de intensa oração e às obras de misericórdia, dando exemplo a todas as irmãs, de uma vida santa.

Seu filho casou-se com uma moça muito bonita mas com um terrível mau gênio e dada às críticas. Dedicou-se a atormentar a vida de Francisca e a rir de tudo o que a santa fazia e dizia. Francisca suportava tudo em silêncio e com grande paciência, mas não tardou e a nora caiu gravemente doente e então Francisca dedicou-se a assisti-la com uma caridade impressionantemente perfeita. A jovem curou-se da doença do corpo e também ficou curada da antipatia que sentia pela sogra, tornando-se sua grande amiga e admiradora.



Francisca obtinha admiráveis milagres de Deus com suas orações. Curava os doentes, afastava maus espíritos, mas, sobretudo, conseguia a paz entre pessoas que estavam brigadas e muitos que antes se odiavam, passavam a amarem-se como bons amigos. Por toda Roma se falava dos admiráveis efeitos que esta santa mulher conseguia com suas palavras e orações. Inúmeras vezes via seu anjo custódio e dialogava com ele. Havia recebido de Deus o carisma da eficácia da palavra e por isso acudiam a ela numerosas pessoas para pedir-lhe que as ajudasse a solucionar os problemas de suas famílias. O Espírito Santo também lhe concedeu o dom do conselho, pelo qual suas palavras guiavam facilmente as pessoas a encontrar a solução de suas dificuldades.

Quando chegavam as epidemias, ela mesma levava os enfermos ao hospital, atendia-os, lavava e remendava a roupa e, como em tempo de contágio era muito difícil conseguir confessores, ela pagava um salário especial a vários sacerdotes para que se dedicassem a atender espiritualmente os doentes. Francisca passava a pão e água muitos dias. Dedicava horas e horas à oração e à meditação, e Deus começou a conceder-lhe êxtases e visões. Consultava todas as dúvidas de sua alma com um diretor espiritual, e chegou a tal grau de amabilidade em seu trato, que bastava tratar com ela uma só vez para ficar amigos para sempre. Às pessoas que sabia que falavam mal dela, lhes prodigalizava uma ainda maior amabilidade.

MISTICISMO



Sua santidade, à parte da dimensão assistencial, foi muito nutrida de visões sobrenaturais, combates com o demônio aliviados pela orientação e a companhia constante dos anjos, e milagres tão frequentes como variados, “o extraordinário inserido no ordinário”, como afirma Dom Jean Leclercq.

Em primeiro lugar, o que chama a atenção é o lugar que ocupam as visões e aparições demoníacas em sua biografia. O demônio está sempre presente na sua vida: a precipita pela escada, a faz cair na água, se disfarça de galã ou de mendigo. É muito difícil fazer uma crítica destes relatos, pois falta o testemunho essencial, o da própria Francisca. Com efeito, só se conhecem estes episódios através da relação que deles faz seu confessor, Dom Juan Mattiotti, e a “Vida” que este escreveu da santa nunca foi estudada de forma científica, ademais que, por sua própria composição, envolve difíceis problemas. Este sacerdote, a quem Francisca tomou por confessor devido à morte de Dom Antonio Savelli, era o pároco que Santa Maria del Trastevere, em cuja jurisdição se encontrava o palácio dos Ponziani.

Mais original é talvez o mundo angélico em que vive Francisca: assiste-se ao longo de sua vida ao desenvolvimento da devoção ao Anjo da Guarda, a quem ela tem a graça de ver com seus próprios olhos, enquanto que outros anjos se movem ao redor dela. Não menos característica é sua devoção, por outra parte muito da época, à humanidade de Cristo: do nascimento à paixão. Esta devoção manifesta uma interiorização do sentimento religioso, pois o Evangelho deixa de ser um simples espetáculo enternecedor para converter-se numa realidade viva, quando Maria confia o Menino à santa e esta leva-o nos braços até a Igreja de Santa Maria a Nova.



A MORTE

Vivia há cerca de quatro anos em meio de suas irmãs quando chegou a hora de sua partida. A morte não alcançou Francisca entre suas oblatas, mas em seu antigo palácio de Trastevere, para onde se tinha mudado para cuidar de seu filho gravemente enfermo. Ali morreu em 9 de março de 1440, com a idade de 56 anos. Seu corpo ficou exposto três dias na igreja de Santa Maria Nova. Foi unânime o tributo de devoção dos romanos e as crônicas da época falam que a cidade inteira de Roma prestou-lhe as últimas homenagens.

Solícita na recitação cotidiana do ofício divino, segundo o uso de Monte Oliveto, era muito devota da eucaristia e assídua nas meditações piedosas, como o atestam abundantemente os documentos hagiográficos que lhe concernem. De suas virtudes e de seu espírito de oração dão fé às atas dos processos de canonização. Seus restos foram depositados em Santa Maria a Nova, e quando Paulo V em 1608 a colocou no número dos santos, a igreja recebeu o nome de Santa Francisca Romana.

Quando estava gravemente doente, seu rosto começou a brilhar com uma luz admirável, então pronunciou suas últimas palavras: “O anjo do Senhor me manda que o siga até as alturas”. Logo morreu, mas parecia alegremente adormecida. Tão logo espalhou-se a notícia de sua morte, uma imensa multidão acorreu ao convento. Muitos pobres foram demonstrar seu agradecimento pelos inumeráveis favores que lhes havia feito.

Muitos pediam que lhes permitissem aproximar os doentes do cadáver da santa, e assim pedir a cura pela sua intercessão. Os historiadores dizem que “toda a cidade de Roma se mobilizou”, para assistir aos funerais de Francisca. Foi sepultada na igreja paroquial, e ao correr a notícia de que junto a seu cadáver se estavam operando milagres, aumentou muito mais a concorrência a seu funeral.

Até hoje, todos os anos em 9 de março, chegam muitos peregrinos para visitar seu túmulo na Igreja a ela consagrada e para visitar o convento que ela fundou ali mesmo e que se chama “Torre dos Espelhos”. Esses peregrinos vão pedir a Santa Francisca as graças que também nos convém pedir sempre: que nos dediquemos com todas as nossas forças a cumprir cada dia os deveres que temos em nosso lar, e que nos consagremos com toda a generosidade possível a ajudar aos pobres e necessitados e a ser extraordinariamente amáveis com todos.



Eis aqui a descrição de uma mulher admirável. “Que as gentes comentem suas muitas boas obras” (Provérbios 31).

Na iconografia, Santa Francisca Romana normalmente aparece representada com uma túnica negra, véu, assistida por seu anjo da guarda (por sua devoção a ele) e um cesto com pães.

CONCLUSÃO

Para que serve o testemunho dos santos? A Igreja não os canoniza para continuar ampliando seu catálogo, senão para que nos sirvam de intercessores e de guias para encarnar em nossas vidas os valores evangélicos; para crescer, como eles, em nossa configuração com Cristo. Eles nasceram com uma natureza ferida pelo pecado como a nossa, mas lutaram com seu egoísmo e deram a Cristo um lugar central em suas vidas, que os redimiou plenamente.

Santa Francisca Romana foi uma buscadora de Deus, do absoluto e soube encontrá-lo tanto em sua vida de intensa oração como sob as humildes aparências dos pobres miseráveis que socorria. Soube exercitar a caridade e a misericórdia em uma cidade dividida por grandes diferenças sociais, onde abundavam os pobres e miseráveis; onde reinavam os ódios e rivalidades entre as famílias poderosas.

Através da influência que exerceu sobre as matronas com seu testemunho silencioso, Roma começou a converter-se com Francisca, não mediante uma dessas conversões súbitas e sem porvir algum, que obtinham os predicadores da penitência. Tratou-se, pelo contrário, de descobrir cada vez mais a exigência da caridade, de colaborar mediante a entrega diária em aliviar as inúmeras misérias da cidade, de buscar a fonte deste espírito de serviço pessoal, de crer na constante presença de Deus, de um Deus íntimo que reside no coração de cada um, um Deus que é o único fim e o único preço da vida, sem dúvida objeto de fé, mas mais ainda de amor terno e alegre fidelidade. Tal é a mensagem e o testemunho que deixa Santa Francisca Romana aos homens de hoje.

Como sublinha o Padre García Colombás, Santa Francisca Romana “ocupa um lugar importantíssimo na história da espiritualidade e da mística católica do século XV. Sua filiação à tradição beneditina foi confirmada por um bom juiz, Gregório Penco: ‘Ainda que não tivesse emitido a profissão monástica, sua vida e sua atividade se enquadram admiravelmente no espírito da Regra e da ascética beneditina’. Seu instituto, as oblatas de Tor de’Specchi, tão novo em seu tempo e que de certo modo se adiantou às congregações de irmãs beneditinas de séculos posteriores, sobreviveu até nossos dias”.



Podemos dizer que Santa Francisca Romana previu novas formas de consagração da mulher, quatro séculos antes de elas entrarem em vigor na Igreja.

SUAS VISÕES DO INFERNO, DO PURGATÓRIO E DO CÉU

As mais singulares, admiráveis e características visões de Santa Francisca são as visões do Inferno. Suplícios inumeráveis, variados como o são os crimes, lhe foram mostrados em seu conjunto e em

seus detalhes. Viu o ouro e a prata em fusão, metidos nas faces dos avaros, pelos demônios. Viu muitas coisas singulares, detalhadas, espantosas. Viu as hierarquias dos demônios, suas funções, seus suplícios, os crimes diversos que presidem. Viu Lúcifer consagrado ao orgulho, chefe dos orgulhosos, rei de todos os demônios e de todos os condenados; e que este rei é muito mais desgraçado que seus súditos. O inferno está dividido em três partes: superior, média e inferior. Lúcifer está no fundo do inferno inferior.

Todas as coisas da hierarquia celestial são parodiadas na hierarquia infernal. Nenhum demônio pode tentar a uma alma sem permissão de Lúcifer. Os demônios, que tem seu posto fixo no inferno, sofrem a pena do fogo; os que estão no ar ou sob a terra não sofrem este tormento, mas suportam outros terríveis suplícios, especialmente o de ver o bem que fazem os santos. O homem que faz o bem inflige aos demônios uma tortura espantosa. Santa Francisca, quando era tentada, pela classe e a força da tentação, sabia de que altura havia caído o anjo tentado e a que hierarquia havia pertencido.

Quando uma alma cai no inferno, multidões de demônios dão as graças e felicitam o seu demônio tentador, mas se uma alma se salva, seu demônio tentador é objeto da burla dos demais e, conduzido diante de Lúcifer, este lhe condena a um castigo especial, distinto de suas torturas ordinárias. Dito demônio entra às vezes no corpo de algum animal ou no de algum homem, e se faz passar pela alma de um defunto.

Quando um demônio consegue perder uma alma, depois da condenação dela, aquele mesmo demônio passa a tentar a outro homem; e então é mais hábil que da vez anterior. Aproveita-se da experiência adquirida na vitória, e tem mais habilidade e força para a perdição.

Quando um homem tem o costume do pecado, Santa Francisca vê o demônio em cima dele; quando o pecado mortal é perdoado, o vê, não em cima, senão ao lado do homem. Depois de uma confissão o demônio fica muito fraco, e a tentação não tem já a mesma energia. Quando o nome de Jesus é pronunciado santamente, Santa Francisca vê aos demônios do ar, da terra e do inferno dobrar-se sob espantosas torturas, tanto maiores quanto mais santamente é aquele nome pronunciado. No entanto, se o nome de Deus é invocado com uma blasfêmia, os demônios ainda se vêm obrigados a inclinar-se, mas à dor que esta obrigatória homenagem lhes produz se mescla um certo prazer.



Quando um homem blasfema o nome de Deus os anjos do céu também se inclinam, atestando um imenso respeito. Assim, pois, os lábios humanos que tão facilmente se movem e tão facilmente pronunciam aquele terrível nome, produzem em todos os mundos extraordinários efeitos e despertam ecos cuja intensidade e grandeza não suspeita o homem aqui na terra.

O fogo do purgatório é muito diferente do fogo do inferno. Este, Santa Francisca o vê negro, e o do purgatório, claro, com um toque avermelhado. Vê, não no purgatório mesmo, senão fora dele, ao anjo da guarda de cada pessoa morta, à direita dela, e ao demônio tentador à sua esquerda. O anjo da guarda apresenta a Deus, as orações dos vivos oferecidas em sufrágio daquela alma do purgatório. Quanto às orações rezadas em favor das almas que se crê estarem no purgatório, mas

que não estão nele, eis aqui, segundo Santa Francisca, a sua aplicação: se a alma que se crê no purgatório já está no céu e não tem necessidade de orações, as que se oferecem por ela se aplicam às outras almas que estão no purgatório e também à pessoa viva que as reza. Se a alma que se crê no purgatório está no inferno, o mérito e a eficácia da oração recaem por completo no que a faz, e não se reparte como na hipótese anterior.

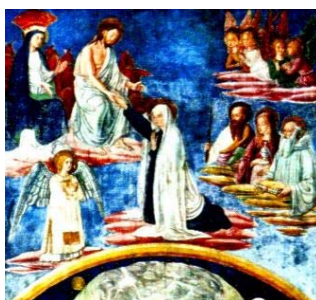
Francisca vê no purgatório três moradas desigualmente dolorosas e terríveis; e nesta divisão nota ainda subdivisões. Em todas elas o castigo apresenta exata relação com os pecados cometidos, com a natureza deles, com suas causas, seus efeitos e todas suas circunstâncias.

Uma das mais belas visões de Santa Francisca é a dos três céus. Ela viu o céu estrelado, o céu cristalino, e o céu empíreo. Viu a imensidade do céu estrelado, seu esplendor e a enorme distância que separa umas estrelas das outras. Muitas delas lhe apareceram maiores que a terra. O céu estrelado lhe deu uma idéia de um esplendor desconhecido e não imaginado. O céu cristalino lhe pareceu tão alto sobre o estrelado como este o é sobre a terra.

Viu que o esplendor do céu cristalino era muito maior que o do estrelado; e quanto ao empíreo viu-o muito mais elevado sobre o cristalino do que este sobre o estrelado. Sua imensidão e magnificência são inimagináveis. As almas bem-aventuradas e os santos da terra, iluminados pelos raios que partiam das chagas do Salvador brilhavam aos olhos de Francisca com resplendor desigual sob o fogo dos raios desiguais. As chagas dos pés iluminavam aos que amaram, as das mãos aos que amaram mais, e a do peito aos que amaram com mais profunda pureza. Santa Francisca viu nesta visão a sua alma abismada na chaga do coração. Viu a chaga do coração como um mar sem margens: era um abismo cujo fundo não se via; e quanto mais avançava mais insondável lhe parecia sua imensidão.

Um dia ouviu do próprio Jesus Cristo, estas palavras: "Eu sou a profundidade do poder divino; eu criei o céu, a terra, os rios e os mares. Todas as cosas são criadas segundo minha sabedoria. Eu sou a profundidade, sou a sabedoria divina, sou a sabedoria infinita, sou o Filho único de Deus... Eu sou a altura, sou a esfera imensa, a altura do amor, a caridade inestimável; por minha humildade, fundada na obediência, redimi o gênero humano".

Terminemos com a visão mais alta: "Eu vi - disse a seu confessor -, eu vi ao Ser antes da criação dos anjos. Eu vi ao Ser como é permitido vê-lo a uma criatura que vive na carne". Era um círculo imenso e esplêndido. Este círculo não descansava em nada mais que em si mesmo. Ele era sua própria sustentação. Um esplendor que não se descreve saía daquele círculo; e Francisca não podia olhar fixamente aquele esplendor intolerável. Sob o círculo infinito e deslumbrante havia um deserto que dava idéia do vazio: era o lugar do céu antes que o céu existisse. No círculo havia algo como a semelhança de uma coluna muito branca e absolutamente deslumbrante: era como um espelho no qual Francisca percebia o reflexo da Divindade; e viu traçados aí alguns caracteres: princípio sem princípio, e fim sem fim. Pois Deus levava o modelo de todas as coisas em seu Verbo antes de criar alguma coisa. Depois, como inumeráveis flocos de neve que cobrem as montanhas, são criados os anjos. Um terço deles serão precipitados no abismo; os dois terços permanecerão na glória. A imaculada Conceição da Virgem apareceu a Santa Francisca nesta visão fundamental.



A visão do outro mundo foi o sinal particular e o rasgo característico de Santa Francisca Romana.

ORAÇÃO - 1

Pai eterno, agradeço-Vos pela família que me destes,
pelos bens materiais, pelo dom da minha vida.
Tudo me destes, tudo Vos pertence.
Pelos méritos e exemplo de tão nobre alma, Santa Francisca Romana,
peço-Vos a graça de nunca de Vós me apartar
e sempre reconhecer que vosso sou.
Amém.
Santa Francisca Romana,
intercedei a Deus em meu favor para que
a virtude do desprendimento cresça em mim.
Sagrada Família, rogai por nós.

ORAÇÃO - 2

Ó Deus, concedei-nos,
pelas preces de Santa Francisca Romana,
a quem destes perseverar na imitação de Cristo pobre e humilde,
seguir a nossa vocação com fidelidade
e chegar àquela perfeição que nos propusestes
em vosso Filho. Por Nosso Senhor Jesus Cristo,
vosso filho, na unidade do Espírito Santo.
Amém.



ORAÇÃO DAS PROMESSAS CUMPRIDAS

Deus, nosso Pai, Jesus, vosso Filho, as antigas coisas passaram e uma nova realidade foi feita. Agora somos herdeiros das promessas de novos céus e de nova terra: “Fortificai as mãos desfalecidas, robustecei os joelhos vacilantes. Dizei aos que têm o coração perturbado: Tomai ânimo, não temais! Eis o vosso Deus... A terra queimada se converterá em um lago, e a região da sede, em fontes” (Si 35,1ss). Dai-nos lucidez, para não labutarmos em vão. Dai-nos a fé na vida, para que a veneremos tanto na semente que a oculta quanto na pessoa de nossos irmãos que mais plenamente a manifesta. Manifestai-nos a vossa glória, e revele-se em nós o que é humano e ao mesmo tempo divino: a ternura e a compaixão, a entrega de si e o acolhimento do outro como mensageiro divino. Senhor, sois a altura e a profundidade de tudo o que existe, a imensidade do amor e a caridade inestimável. Em vós a existência de todo ser é mantida e preservada. Em vós tudo se plenifica e alcança a perfeita realização. Em vós, cessa todo valor e esvanece toda a vaidade e aflição de espírito, e a vida ganha sentido e força de ressurreição. Amém.

BIBLIOGRAFIA:

<http://www.marlyjuliani.com.br/santododia.asp?mes=03&dia=09>
<http://www.fundacaofraternidade.org.br/portugues/santododia/santo.asp?idsanto=68>
<http://www.ecclesia.pt/santos/marco/09.htm>
[http://www.catedralgo.com.br/9%20de%20marco%20\(santo\).htm](http://www.catedralgo.com.br/9%20de%20marco%20(santo).htm)
<http://www.marlyjuliani.com.br/santosnossos.asp?cod=199>
http://www.miragemartigosreligiosos.com.br/cristbiograf/09_03.htm
<http://www.grupopjuc.com.br/marco.htm>
http://www.santuariodasalmas.org.br/sabercristao/santododia_mar.htm#9
http://www.sbenito.org.ar/revista/col03_98/col03sem.htm
<http://laverdadcatolica.org/SantoralMarzo2004.htm#9>
<http://www.churchforum.com/Santoral/Marzo/0903.htm>
http://www.ewtn.com/spanish/Saints/Francisca_Romana.htm
<http://www.panoramacatolicointernacional.com/fisonomias/francescaromana.htm>
http://www.capsantajulia.com.ar/santos/0309francisca_romana.htm
<http://www.umilta.net/francesca.html>

Os Santos e a Medicina - Médicos, Taumaturgos e Protetores – Luciano Sterpellone - Ed. Paulus.

FIM